

A EDUCAÇÃO INTEGRAL DO HOMEM NA FILOSOFIA DO PE. MANUEL ANTUNES

Samuel Dimas, Professor auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa,
E-mail: sdimas@fch.lisboa.ucp.pt

Resumo: Este artigo procura explicitar o sentido integral da educação apresentado na obra do Padre Manuel Antunes, que não visa apenas a instrução técnico-científica, mas sim a formação humana nas suas dimensões ética, estética, filosófica e religiosa. O teólogo e filósofo jesuíta recusa, por um lado, uma perspetiva puramente pragmática e utilitarista da ação humana, centrada no progresso da técnica, e recusa, por outro lado, uma perspetiva puramente fixista da vida humana, centrada nos hábitos e nos dogmas filosóficos, ideológicos e religiosos. Dessa maneira, considera que o objetivo da educação humana não é o *homo mechanicus* nem o *homo romanticus*, mas sim o *homo misericors* que se rege pelos valores universais de um humanismo moral e metafísico que identifique o *ser* do homem (antropologia) e proporcione o seu *fazer ser* (pedagogia). O homem misericordioso faz uma experiência sofredora da vida, no reconhecimento da ignorância, da finitude e da morte, pelo que encontra na *renúncia* e na *compaixão* as formas mais valiosas de educação e humanização.

Palavras chave: educação, pedagogia, humanismo, misericórdia.

1. Introdução: para uma educação integral do homem

O desenvolvimento cultural que todos desejamos nos planos ético, estético, filosófico, religioso e científico, para que o homem realize o seu projeto humanizador de forma integral, não é possível sem a educação e esta não se pode concretizar sem uma pedagogia. Consciente desta necessidade, o professor e mestre português Padre Manuel Antunes propõe uma educação que dê primazia à formação sobre a informação e que não reduza o sentido da vida humana ao desempenho econômico-científico e à eficácia da técnica.

O homem realiza-se enquanto homem pela educação, mas que dimensões inclui esta humanização e de que saber precisa o homem para a concretizar no dinamismo do devir histórico?

2. A arte da educação na unidade indissolúvel entre pensar, sentir e fazer

Educar é fazer tomar o hábito ou o costume de alguma coisa, ou seja é edificar e formar nos valores culturais da comunidade em que se habita, sejam eles no plano da eficácia produtiva, sejam eles no plano estético, moral e religioso. O saber que humaniza não é apenas o da instrução utilitarista e pragmática, mas é o saber dos valores que traduz a realidade vital e essencial do homem. Como nos diz Manuel Ferreira Patrício, em diálogo com o seu mestre Manuel Antunes, o saber que educa o homem e que o faz ser aquilo que é e *deve ser* não é apenas *lógico-ontológico* (ser), nem apenas *axiológico* ou *normativo* (dever ser), mas é também *realizativo* (fazer e transformar), no sentido de um saber de ação que parte do que é e procura dar existência àquilo que *deve ser* (PATRÍCIO, 2000, p. 75-76). Para que esta realização se concretize, importa ter em conta os princípios clássicos romanos da *seriedade*, no sentido

pragmático e realista de uma atitude responsável que exige firmeza e objetividade na decisão (*gravitas*), da *pietate*, no sentido de um vínculo interior ao divino e aos outros membros da comunidade familiar e social (*pietas*), da *simplicidade*, no sentido do reconhecimento do valor autêntico de cada pessoa e de cada coisa e do rigor normativo ajustado de acordo com a medida exata exigido por cada realidade (*simplicitas*) (ANTUNES, 2005, p. 105-106).

Assim, considera Manuel Antunes que uma educação ou é integral ou não é educação, pelo que tem de ter em conta todas as aspirações do homem, incluindo as morais e as metafísicas. Em diálogo com Blondel, considera que a educação é a ação promotora e instauradora de valores, suscitando e conservando atos e formas, ideias e sentimentos, conteúdos e estruturas de humanização através de uma relação livre e intersubjetiva entre consciências. Sendo o homem modificável, a educação deve ser ativa para que o homem saiba construir o seu meio criando valores e assumindo responsabilidade perante os mesmos, promovendo não apenas o surgimento de grandes cientistas e técnicos, mas também de sábios e santos. Só mediante uma visão global do ser do homem se poderá escolher o método adequado para a sua educação (ANTUNES, 2005, p. 175-178).

Se a ciência aponta para o saber, a arte aponta para o fazer, e a educação reside, pois, nessa arte de *saber fazer* bem o projeto de humanizar o homem, socorrendo-se, para tal, da pedagogia que operacionaliza estratégias e técnicas para concretizar esse objetivo. Mas Manuel Ferreira Patrício prefere usar o termo *antropagogia* para caracterizar esta arte teórica e prática de educar o homem na unidade de pensar aquilo que se faz e de fazer aquilo que se pensa: «(...) a antropagogia é a teoria e prática da educação do homem no horizonte de plenitude de sua humanidade» (PATRÍCIO, 2000, p. 76).

3. Educar para o *homo misericors*

Que tipo de homem procura esta antropagogia? Manuel Antunes considera que o objetivo da educação é o *homo misericors* que se compadece, escuta e renuncia. Uma renúncia no sentido do amor cristão, que, como nos diz Afonso Botelho, não significa a perspectiva pessimista gnóstica de abdicar do mundo que Deus criou e viu que era bom, mas a perspectiva otimista de uma aceitação livre e responsável da nossa experiência dramática da existência, que implica uma relativização dos bens materiais transitórios e uma adesão total aos bens definitivos de ordem ética e metafísica que têm na relação com a interioridade dos outros e com a transcendência divina o seu valor supremo (BOTELHO, 1951, p. 5).

O homem da bondade e do serviço, da reconciliação e da indulgência, da aceitação e da compreensão, da escuta e da paciência, que se compadece com o sofrimento e dificuldade do outro, realiza-se na sua verdadeira humanidade e acede à via da transcendência divina em que essa humanização se plenifica (ANTUNES, 2005, p. 87). O caráter absoluto e divino da misericórdia está no facto de a sua essência não se alterar com as diferentes culturas e épocas, embora possa diferir na forma de se exteriorizar e concretizar:

Aqui, manifesta-se distribuindo os ricos os seus bens pelos pobres; revela-se ali como o escudo do fraco e do oprimido; mais

além, surge como piedade universal pelos homens e pelas coisas; mais perto de nós, misericórdia pode ser sinónimo, no despojo pessoal, da promoção da justiça e da fraternidade entre os homens e entre os povos (ANTUNES, 2005, p. 87).

O padre Manuel Antunes recorda que a misericórdia, a compaixão e a caridade têm a sua raiz no movimento do coração, que é símbolo da afetividade, suscitado pela miséria ou adversidade do outro. Assim, Deus é por excelência o sujeito de misericórdia, cujos pensamentos são insondáveis e os caminhos são misteriosos, mas que nunca deixará de amar as suas criaturas, tal como se revela na epifania de Cristo. Neste sentido, a misericórdia é a verdade e a vida e significa a promoção e o serviço dos outros, a libertação e salvação do sofrimento e do mal, a consolação e a reconciliação, a justiça e a bondade.

Em diálogo com Leibniz, o autor refere-se à misericórdia como uma afetividade desinteressada que promove e respeita a alteridade, no sentido da escuta e da compreensão, do respeito e da indulgência, da ajuda e da consolação no confronto com a dor e a dificuldade «(...) misericórdia é, na sua essência, interiorização do outro na subjetividade afetiva» (ANTUNES, 2005, p. 86). Portanto, a misericórdia não está associada a um pietismo moralista, a um sentimentalismo romântico, nem a um paternalismo ou fraternalismo altruísta, mas significa essa ação de salvação e não de condenação que ergue e não deprime, num movimento de saída da prisão de si para o encontro do outro e para a transformação do mundo numa realidade mais justa e harmoniosa.

A misericórdia salva as relações pessoais do espaço familiar e social e impede que a política degenera na posição interesseira representada pelo *Príncipe* de Maquiavel. Impede a inveja e faz com que o coração se abra ao estrangeiro e ao refugiado, encarando os outros hábitos sem atitudes condenatórias e julgamentos sumários, numa serena compreensão da vida e do mundo. Predispondo para o espaço livre do acolhimento, numa força que não pode ser dada pelas funções orgânica, mecânica ou intelectual, a misericórdia religa os homens e as culturas entre si e eleva o mundo para a Transcendência da sua plenitude.

Considerando que a cultura atual sofre do mal da predominância do intelectualismo, traduzido na convicção da absoluta suficiência do discurso conceptual e abstrato, que depois produz o retorno das potências desacreditadas da superstição, do irracionalismo e da ideologia, Manuel Antunes defende que «(...) aquém e além da representação e da razão, do saber teórico e da sua objetivação prática, da ciência e da tecnologia, do trabalho e da consciência - crítica ou empírica - , do imperativo categórico e da falha moral, a misericórdia vive» (ANTUNES, 2005, p. 89). O autor vê com preocupação a negação crescente da racionalidade filosófica, científica, tecnológica e religiosa que avança nos movimentos recentes de pessimismo imobilista e passional que ignoram os princípios transcendentais da verdade, do amor, da bondade, da beleza e da justiça (ANTUNES, 2005, p. 193).

Por outro lado, a inquietação e a angústia vivida nas sociedades massificadas contemporâneas conduz a uma espécie de nostalgia pela fraternidade clânica, pelo calor tribal e pela comunhão harmoniosa com a natureza, numa procura de evasão do mundo civilizado e agitado da indústria, da técnica e dos serviços, para o mundo da natureza e do silêncio sem os

alegados artificialismos da cultura e do progresso. O autor adverte para o perigo desta atualização das ideias de Rosseau e para a substituição da imagem fragmentada de um mundo mecânico e técnico em permanente dispersão pela imagem idílica e fascinante de um mundo natural orgânico e belo sem injustiças e sem constrangimentos, que tem como consequência a difusão de ideologias e utopias irrealistas e desajustadas à realidade.

A tentação de regressar ao mito antiquíssimo da idade de ouro e à alegada pureza originária da ordem social e da organização religiosa de instituições, como o Cristianismo, ignora as dificuldades, turbulências e desordens dessas épocas e desconhece que vivemos num movimento de progressivo desenvolvimento cultural tendendo para uma vida mais harmoniosa que não se encontra no passado, mas sim no futuro, e cuja plenitude só será atingível na realidade escatológica trans-histórica. Reconhecemos nesta posição de Manuel Antunes uma recusa das configurações gnósticas e neoplatônicas da realidade que concebem a existência mundana como o resultado de uma queda e degradação de uma vida pré-existente perfeita que é preciso restaurar. O regresso à origem da história amanhecendo deve servir apenas para renovar o compromisso atual com a energia desse espírito dinâmico e simples da juventude, pelo que o importante não é a reconstituição do passado, mas a descoberta da intuição originária fundante ainda despojada dos assessorios de usos e costumes que o tempo acrescentou. Apesar do abuso da técnica e do excesso de intelectualismo, o caminho não é o de regresso, mas sim de progresso para a criação de um novo estilo de vida e de pensamento assente na complementaridade entre a racionalidade, a imaginação e a emoção que evite alienação e promova a humanização (ANTUNES, 2005, p. 60-68).

No seu entender, é a misericórdia que poderá restabelecer a unidade perdida da intuição auroral do projeto da criação, representada pelo mito de origem, elevando-nos para além da alienação e esvaziamento do império da técnica e da exploração irracional dos recursos pelo *homo mechanicus* (ANTUNES, 2005, p. 90). O regresso utópico e escatológico a uma atitude mística e contemplativa da beleza das criaturas e da instauração da justiça, na distribuição equitativa dos bens, já não pode ser feito sem a aliança da misericórdia com a técnica, da ecologia com a economia, da solidariedade com a política. Mesmo que isso signifique uma perda da eficácia na produtividade, encerra um ganho em valores mais importantes como a comunhão, a qualidade de vida e a limitação da violência, na reunião daquilo que o economicismo dispersou, o tecnicismo endureceu e o sociologismo massificou. Este encontro de sentido na História humana só é possível porque a misericórdia é, ao mesmo tempo, ideia e ação, pensamento e sentimento.

4. Uma Educação fundada na filosofia da Vida e da História que promova o espírito crítico

Em contraposição com a filosofia platônica que firmava a verdade na realidade imutável e abstrata das ideias por distinção com a verdade aparente e ilusória da existência sensível, Manuel Antunes empreende uma filosofia da Vida e da História que defende uma evolução no dinamismo natural de crescimento e transformação cultural e recusa as seguintes perspetivas instaladas na tradição:

a) recusa a mentalidade parmenidiana do *esquematismo fixista* e repetitivo das

ideologias e correntes alheias à mudança e ao progresso; b) recusa a mentalidade heraclitiana do *esquematismo fluxionista* e instável dos anarquismos sem leis e valores em ansiosa procura de permanente novidade e mutação científica e tecnológica que gera insegurança e desorientação; c) recusa a mentalidade revolucionária do *esquematismo libertarista* e voluntarista de certos movimentos, como o iluminismo e o racionalismo modernos, que defendem o niilismo e o relativismo; d) recusa a mentalidade revolucionária do *esquematismo igualitarista* e totalitarista de certos movimentos socialistas que de forma utópica imanentizam valores escatológicos apenas plenamente realizáveis no tempo supra-histórico; e) e recusa a mentalidade fanática e intolerante do *esquematismo dogmatista*, alheia à valorização da pluralidade e da diferença que se traduz pela imposição sentenciosa e pela justificação sófistica com a estrita finalidade da eficácia (ANTUNES, 2005, p. 93-10).

Como tal, Manuel Antunes defende a necessidade de uma educação que supere estes esquematismos, mitologias e ideologias provocados pela angústia e pelo medo e que desenvolva o espírito crítico, no reconhecimento de que estes esquematismos são categorias vazias e construções *a priori* sem conteúdo. Perante a diferença e a ameaça do desconhecido e do estrangeiro, o homem constrói esquemas conceptuais que o oriente e lhe dê segurança individual e coletiva, daí resultando práticas como o terrorismo ou o fixismo. Recordemos a destruição do patrimônio religioso e cultural por parte de fanáticos como os talibans. Cabe à educação a tarefa de superação da estreiteza destes esquematismos entregues ao capricho e ao desejo irracional, construindo uma nova mentalidade mais aberta, justa, compreensiva e misericordiosa (ANTUNES, 2005, p. 102) que atenda à necessidade vital e autêntica de cada pessoa em saber encontrar uma resposta de sentido para as suas inquietações mais profundas.

Como refere Ortega y Gasset, só é homem aquele que se realiza autenticamente por íntima necessidade. Ora, o homem faz metafísica na procura de uma orientação radical para a sua situação dramática de desorientação e perdição existencial, procurando pelo sentido originário do ser e do saber acerca do ser e dos seres (GASSET, 2008, p. 564-565). Como afirma Manuel Antunes num diálogo implícito com o pensador espanhol, o sistema de educação deve abranger o conhecimento fatural empírico e experimental da ciência e o conhecimento valorativo da sabedoria filosófica e religiosa, não apenas pela aquisição extrínseca de informação, mas pela compreensão em profundidade da sua origem. Sem modelos e valores que o guiem no sentido e destino, o homem fica sujeito à anarquia e à *desorientação*: «Para agir e, principalmente, para agir de forma construtiva e criadora, é indispensável ao homem um mínimo de certeza e de confiança, de sentido do próprio destino e do destino da humanidade em geral» (ANTUNES, 2005, p. 157).

5. Para uma conciliação entre a ciência dos factos e a sabedoria dos valores e do sentido do destino do mundo e do homem

Em consonância com a reflexão epistemológica contemporânea, o pensador português reconhece que nem a ciência, nem a filosofia nem a religião podem oferecer ao homem a verdade total porque esta só a Deus pertence. Nesse sentido, critica as posições de um certo infantilismo metafísico que, sob a

influência da exigência de verificação experimental e da exigência do dogmatismo ideológico, constituem um obstáculo ao educador que procura ser testemunho da sabedoria. Para que este trabalho seja facilitado perante as exigências da presente conjuntura cultural, é importante que tenha uma informação ampla da História e se deixe guiar por uma criatividade e audácia que não o intimide perante o futuro: «Conjugar o passado e o presente, a sabedoria e a ciência, as culturas e a cultura, a história e a prospectiva, o rigor e a compreensão, eis algumas dessas exigências» (ANTUNES, 2005, p. 159).

A nossa cultura industrial, tecnológica e digital, concebida num espaço homogêneo e dinâmico sempre em expansão, exige uma educação melhor que não obedeça apenas ao princípio da eficácia, mas também ao princípio do dever ser, e que acompanhe a permanente inovação dos diversos quadros sociais num dinamismo ascensional de secularidade e de cultura renovadora e inventiva que supere a aceitação do passado e da tradição. Vivemos numa sociedade de relativa paz e de abundância, sob o magistério das Luzes e do Progresso da Ciência e da Técnica que procura minimizar o sofrimento e procura instaurar a justiça social, pela obediência aos valores da liberdade e da fraternidade, em que a educação é um *fato*, uma *necessidade* e um *dever*.

A educação é um *fato*, porque sem educação o homem é apenas uma possibilidade, constituindo-se como uma das criaturas mais desprovidas da escala zoológica, tal como poderemos comprovar através da análise do caso das crianças que não foram educadas humanamente e adquiriram as características da sua circunstância animal com grande atraso no desenvolvimento mental. É o meio humano, através de uma linguagem, que oferece os gestos, imagens, ideias e emoções, possibilitando a elevação a um nível superior da simples animalidade. A educação é uma *necessidade*, porque a humanidade não surge como um dado, mas sim como uma conquista e uma construção. A educação é um *dever* pessoal e social, porque sem ela a cultura torna-se desumanizadora, numa desordem intelectual e moral, que viola a dignidade da vida humana e o instaura na barbárie.

Mas num mundo em que proliferam as ciências e as técnicas, os fatos e os dados, as teorias, as ideias e as emoções, parece que os sistemas tradicionais de educação já não dão resposta. Para quê educar? A educação não pode servir apenas para se ser um excelente profissional, mas tem de ter como objetivo o homem integral na particular atenção ao bem comum e à realização pessoal, não em conformismo e servidão, mas na realização de atos livres capazes de fazer surgir novas formas de cultura e novos sentidos da realidade que está em progressivo e inventivo desenvolvimento (ANTUNES, 2005, p. 178-180).

Referências

ANTUNES, Manuel. **Obra Completa** – Tomo I – Theoria: Cultura e Civilização – Volume III – Filosofia da Cultura, 2 Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

ANTUNES, Manuel. **Obra Completa** – Tomo II – Paideia: Educação e Sociedade, 2 Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

- BOTELHO, Afonso. **Elementos para o estudo da renúncia cristã**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1951.
- GASSET, Ortega y. **Obras Completas**. v. VIII, Madrid: Taurus, 2008.
- LONERGAN, Bernard. **Collected Works of Bernard Lonergan** – Vol. 10 – Topics in Education, Toronto: University of Toronto Press, 1993.
- PATRÍCIO, M. F. “A filosofia da educação em Portugal no século XX”. In: CALAFATE, Pedro (dir.). **História do Pensamento Filosófico Português** – Tomo 2 – Vol. V – O Século XX. Lisboa: Caminho, 2000.

The integral education of man in the thinking of Father Manuel Antunes

Abstract: This article seeks to explain the meaning of integral education as featured in the work of Father Manuel Antunes, who did not only seek technical-scientific instruction but also the formation of humans across their ethical, aesthetic, philosophic and religious dimensions. The Jesuit theologian and philosopher on the one hand rejected a purely pragmatic and utilitarian perspective on human action, focused on technical progression while on the other hand also spurning any purely fixist perspective of human life centred around their philosophic, ideological and religious habits and dogmas. Hence, he considers the objective of human education does not involve any *homo mechanicus* nor even a *homo romanticus* but rather a *homo misericors* who reacts to the universal values of a moral and metaphysical humanism that identifies the *being* of man (anthropology) and provides the *making being* (pedagogy). The charitable man gains a suffering experience of life through the recognition of his ignorance of finitude and of death and correspondingly finding the most valuable forms of education and humanisation in *renouncement* and in *compassion*.

Keywords: Education, Pedagogy, Humanism, Charity.